



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

“A OCUPAÇÃO SAPATÃO EM SALVADOR UMA INSURGÊNCIA AO ESPAÇO GEOGRÁFICO HEGEMÔNICO E AOS CERCEAMENTOS DO DIREITO À CIDADE”

ALINE P. DO NASCIMENTO ¹

SHEYLA DOS S. TRINDADE²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as invisibilidades socioespaciais da mulher preta e sapatão na dimensão cultural do espaço vivido no centro da cidade de Salvador. Buscando tensionar e contrapor aos acessos e permanências dos espaços urbanos na cidade de Salvador/Ba na perspectiva do entretenimento para mulheres negras, lésbica, bissexuais e trans (LBT), cujo racismo e a LGBTfobia institucionais buscam *invisibilizar* a existência. A Ocupação Sapatão -Bahia é uma atividade cultural e insurgência, devido a presença de corpos femininos e negros no centro da cidade de Salvador que busca promover à visibilidade da preta LBT, resultando num movimento que reivindica o direito à cidade, tendo em vista que o espaço geográfico produzido/reproduzido sob capitalismo impõe a desumanização da mulher preta. A Ocupação Sapatão³, concebida por sete mulheres negras, lésbicas e bissexuais, moradoras da periferia soteropolitana tem como principal objetivo a descolonização dos espaços públicos da cidade, subvertendo simbólica e materialmente as delimitações espaciais impostas às sujeitas no que tange o acesso e uso dos espaços urbano públicos e /ou privados. As ações das três edições do evento contaram com a presença de uma quantidade significativa de mulheres vindas de diversos bairros da cidade, sobretudo os periféricos, ocupando o Bar de Ray e Lucy, sendo estas lésbicas e pretas, que na ocasião se dispuseram a ceder o bar para o evento. As edições permitiram um contra-fluxo de usuárias, demonstrando a potencialidade dessas mulheres que no cotidiano têm suas existências negada na reprodução do espaço geográfico, reverberando uma ação contra-hegemônica.

Palavras-chave: Ocupação Sapatão; Insurgência; Urbano; Territórios; Geografia; Direito à cidade.

INTRODUÇÃO

Já era início da noite, quando três do grupo de sete jovens mulheres negras lésbicas, de posse de duas latas de tintas spray, um pedaço de tecido branco, organizaram-se dentro do coreto disposto no centro do largo da praça do bairro Dois de Julho, bairro histórico na cidade Salvador, entre sorrisos provocados por piadas e felizes expectativas, as mesmas construía as faixas que seriam usadas para identificar o primeiro encontro de visibilidade Lésbica e Bissexual chamado “Ocupação Sapatão”, o encontro que reuniu aproximadamente 100 mulheres, aconteceu no Bar Champagne, popularmente

¹ Mulher; Preta; Sapatão; Gordá; Periférica, Nordestina e Ativista, moradora do SulGlobal; Graduanda em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) Universidade Federal da Bahia, Professora Voluntária no Quilombo Educacional Vilma Reis; Educadora Social, com foco nas Relações Étnicas Raciais e Sexualidades, uma das idealizadoras da produção cultural Ocupação Sapatão. E-mail: alinepenhanascimento@gmail.com

² Mulher; Preta; Sapatão; Periférica, Nordestina e Ativista, integrante do Coletivo Diversidade, Gênero e Negritude SindUte/Gv; Graduada em Geografia (Licenciatura) Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC EAD, Professora de Educação Básica do Estado de Minas Gerais e uma das idealizadoras da produção cultural Ocupação Sapatão. E-mail: sheylasantostrindade@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

conhecido como laje de Ray e Lucy, cuja as donas são um casal de lésbicas negras. As faixas representariam até o fim da noite uma forte delimitação existencial e territorial deste grupo de minoria política, que mais sofrem intervenções no exercício e garantias de direitos de existir em alteridade, numa sociedade heteromachobrancanormativa, onde o espaço urbano torna-se uma verdadeira arena de luta contra a invisibilidade. De modo que neste trabalho focaremos em como as intervenções de entretenimento urbanas e o direito à cidade são cerceados e retirados das mulheres negras lésbicas, e como a atividade cultural pensada e gerenciada por mulheres negras lésbicas para mulheres negras lésbicas, no centro de Salvador pode e veio a ser uma contranarrativa de desconstrução dos espaços urbanos.

Para compreensão desta reflexão pretendida neste artigo, conhecer alguns aspectos da complexidade socioespacial da cidade de Salvador, se faz importante, de modo que alguns dados demográficos nos auxiliarão na construção desta compreensão. Salvador é conhecida como a cidade mais negra fora do continente africano, ou seja, a população negra é predominante na cidade de aproximadamente 3 milhões (três milhões) de habitantes, segundo dados demográficos do Censo de 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, 79,44% da população soteropolitana é negra, onde dentro desta porcentagem no recorte de gênero, 42% são de mulheres negras. Embora os dados demonstrem que a população de mulheres negras e pardas são superiores às mulheres não-negras, é perceptível que a territorialidade dos corpos pretos se perfaz majoritariamente nas periferias, formando um aglomerado sem acesso aos equipamentos urbanos de lazer.

INVISIBILIDADE CULTURAL/RECREATIVA DA SAPATONA PRETA

Salvador, conhecida no Brasil e no mundo por suas características histórico-culturais, sobretudo, no seu modo de recepcionar as pessoas vindas de fora, através duma construção no imaginário de que esta cidade é a terra da felicidade, onde todxs tem um “modus vivendi” consonante. Mas que para os de dentro não-brancos a realidade se mostra marcada por contradições, basta um olhar mais profundo para perceber que a capital baiana se reproduz, sob a lógica de uma formação socioespacial que utiliza os



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

povos da diáspora como um produto mercadológico para pacotes turísticos, sendo esse o imperativo e limite para a população negra no que toca a representatividade socioespacial hegemônica.

Considerando a sociedade em geral não-branca de Salvador sendo cerceada na sua sociabilidade, sobretudo cultural, a da mulher negra sapatão é indubitavelmente superior, visto que, não são fomentadas atividades culturais que garantam a sociabilidade desse grupo identitário. Ainda que as relações sociais de produção sejam marcadas pela lógica da mercadoria, pressupõe -se que esses corpos não interessam para o mercado, no tocante, a ausência de fomento à atividade recreativa direcionada para esse público. Segundo, Carlos (2015).

Sob o capital toda produção se transforma em mercadoria, realizando-se na dialética valor de uso/ valor de troca com a preponderância do segundo em relação ao primeiro orientando e subsumindo as relações sociais. A construção da metrópole torna visível os usos e as formas de apropriação do espaço que se associam, diretamente, às formas de propriedade privado do solo urbano apontando para uma hierarquização socioespacial como expressão da desigualdade- é o que aponta a segregação socioespacial. (Carlos, 2015 p. 28).

Apesar do valor de troca se sobressai na dinâmica do capital, o que poderia pressupor um incentivo ao desenvolvimento de atividades culturais em Salvador para a preta sapatona o que se percebe é que esses corpos têm limite na reprodução da cidade, por conseguinte, realizando o capital, a medida que trabalham e consomem para necessidade imediata, porém sua sociabilidade cultural/ recreativa é limitada, pois na estrutura é necessário compreender que para o próprio capital essa identidade tensiona seus pilares – racista, patriarcal e heterossexual -, logo destoam dessa da identidade hegemônica. Ainda que a própria estrutura da reprodução do espaço geográfico seja limitadora para qualquer sujeito não-burguês, aprofundamento que não é pertinente no objetivo deste trabalho, a sapatona preta vive o seu cotidiano condicionada ao entorno da moradia/trabalho, com consumo restrito, sem qualquer atividade recreativa que proporcione a ocupação de espaços as mulheres negras pertencentes a este espectro sexual.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Por que o fomento a cultura/recreação das sapatonas pretas não interessa a reprodução do espaço geográfico de Salvador? Por que o consumo dessas sujeitas não interessa ao mercado, já que na dialética valor de uso/ valor de troca, tudo se transforma em troca? Pressupõe-se que essas sujeitas confrontam a identidade burguesa de tal forma que não há interesse em fomentar sociabilidade recreativa para esse grupo, visto que, tudo sob o capital torna-se mercadoria. Daí é possível conjecturar que para ordem social vigente, as sapatonas são uma ameaça e por conseguinte, apreender a frase “ todo o pessoal é político”, haja vista, que quando se realiza ações como a ocupação sapatão é uma insurgência para a identidade do capital: homem, hétero, branco e cristão, pois a invisibilidade da lésbica preta imposta pela ordem burguesa é o principal artifício de sustentação do status quo.

TERRITORIALIZAR UMA DECOLONALIDADE ANCESTRAL

A ocupação SPT em Salvador é uma chamada à territorialidade do urbano e traz a luz do debate a condição da mulher preta sapatão na cidade. É notório que a produção do espaço urbano da capital baiana não é (re)produzida para minorias sociais, mas para corpos imbuídos dos padrões heteronormativos, assentado na lógica colonial.

Desse modo, a cosmovisão hegemônica do capital tenta infligir de forma unifuncional o território, sobretudo, na tentativa conservadora (chauvinista) que exaspera nacionalismo pautado pela recusa ao diverso, objetivando de modo enviesado enraizar um ideário do território como Estado Nacional Moderno, agregando apenas uma visão limítrofe, imputando que o território seja de todxs, porém, no que tange à apropriação ele não é para todxs, desconsiderando, assim, a complexidade e multiplicidade espacial e identitária que há no espaço/território em que vivemos. Essas multiplicidades, em especial a espacial, não devem ser tomadas apenas pela interseção opressora do capital, as vivências humanas são determinadas por múltiplos feixes que atravessam concomitantemente a pessoa, em nosso caso a mulher preta sapatona.

A geógrafa feminista Doreen Massey salienta que não é somente o capitalismo que determina nossa compreensão e experiência do espaço, as relações de gênero e raça



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

se fazem presentes e preponderantes nessas experiências. A negação de existência no espaço para estes marcadores sociais, gênero e raça, é uma realidade que remonta a construção histórica social do Brasil, onde a cidade de Salvador, primeira capital do Brasil, atualmente com 470(quatrocentos e setenta) anos de fundação (século XVI), possui sua existência entrelaçada nas intersecções de gênero, classe, raça e espaço. É nesta cidade que ocorre a maior concentração de pessoas negras no Continente Sul Americano, desde a sua colonização europeia, onde principal motivo dessa concentração vem a ser a transformação dxs seres humanos, sequestrados do Continente Africano, em moeda de comércio.

Historicamente, à medida que Salvador se desenvolve urbanamente, a complexidade espacial e os feixes interseccionais dxs sujeitxs tornam-se mais evidentes, um dos destaques dessa complexidade é a interrelação entre mulheres, raça e espaço urbano (cidade), sendo explicitada pela atividade comercial iniciada no final do século XVIII e século XIX, conhecida como “Sistema de Ganho” onde as mulheres negras (escravizadas e libertas) comercializavam pequenos produtos como verduras, comidas típicas preparadas por elas, carnes, frutas, tecidos, peixes, miudezas entre outras coisas, estas mulheres negras conhecidas como ganhadeiras circulavam com cestas, tabuleiros ou gamelas equilibradas geralmente sobre suas cabeças, se especializavam no centro urbano de Salvador, nas ruas e praças da cidade destinadas ao mercado público e feiras livres, ocupavam e viviam a cidade não somente como personificação de lucro no sistema escravagista, mas também como um elemento desafiador do sistema colonizador ocidental, uma vez que ao viverem o espaço urbano do jeito que viviam, circulando entre diversos espaços, estavam instintivamente realizando grandes ações de resistência e luta contra o sistema colonizador patriarcal, racista e sexista no período Colonial do Brasil, bem como reafirmando a existência de seus corpos femininos negros no espaço urbano.

Essas mulheres negras viveram a cidade no sistema opressor Escravagista/Colonizador do século XVII/XIX e devido as vantagens econômicas da renda obtida pelas vendas de ganho e articulação política social com movimentos antiabolicionistas, puderam através do seu trabalho comprarem muitas vezes não só a sua carta de alforrias, como de outras



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

peessoas negras na cidade. As ganhadeiras tinham a vantagem de articular sua liberdade, diferente das suas irmãs que forçadamente permaneciam confinadas na Casa Grande (localizadas na cidade ou na zona rural) prestando exclusivamente trabalhos domésticos. Essa vantagem econômica foi garantida pela presença deste corpo negro e feminino nas ruas da cidade comercializando seus produtos, conforme (Soares 1996):

As atividades realizadas pelas ganhadeiras, apesar de importante para a distribuição de bens essenciais a vida urbana, preocupava as autoridades. Elas faziam seu trabalho de maneira itinerante ou fixavam-se em pontos estratégicos da cidade, servindo de elementos de integração entre uma população considerada perigosa pelas elites. Este fator político, somado ao esforço do Estado para organizar e controlar a vida urbana no século XIX, levaria a muitos embates entre ganhadeiras e autoridades policiais. (Soares, 1996 p. 65)

Outro ponto importante no modo como o espaço urbano intersecciona com as mulheres negras na Salvador do século XIX é que estas conseguiram dar continuidade a cultura e vivência espacial Negra Africana, dentro de um território Latino Americano que estava sendo moldado para se constituir como uma sociedade EuropeiaHeteroBranca, elas realizam essa continuidade de algumas sociedades africanas ao se tornarem essenciais no comércio local de Salvador, refletindo assim uma tradição vinda de outro tipo de sociedade não ocidental, conforme aponta Soares no artigo “As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX”, a mesma cita: “Esse tipo de atividade não era estranho as negras importadas pelo tráfico negreiro.[...]Muitas ganhadeiras africanas eram provenientes da costa Ocidental da África, onde o pequeno comércio era tarefa essencialmente feminina, garantindo as mulheres papéis econômicos importantes.” (Soares, p.60, 1996).

De modo que, quando a atividade de ganho nas características do comercio africano acontece em Salvador no século XIX, por mulheres vinda de África ou de descendentes diretas destas, ocorre a materialização contra-hegemônica enfrentando espacialmente o sistema Colonizador Patriarcal, desenvolvido e aprimorado no período colonial do Brasil, explicitando assim, historicamente que a questão da necessidade do não isolamento feminino nos espaços urbanos, nunca foi pauta para as mulheres negras, nem agora e nem há 200 (duzentos) anos atrás, as mulheres negras sempre reivindicaram o direito à cidade de perspectivas e existências diferentes das mulheres não negras e/ou brancas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

De posse deste recorte histórico das relações envolvendo Mulher, Raça, Classe e Espaço Urbano na cidade de Salvador, convidamos a leitora a nos acompanhar ao século XXI, ano de 2018 para sermos mais exatas, e realizar conosco uma reflexão dialética, salvo as devidas proporções, sobre como o espaço urbano agora constituído e fundamentado em uma sociedade capitalista patriarcal heterabrancas delimita e impede também a vivência e expansão espacial de grupos de minoria política, neste caso das Mulheres Negras Lésbicas e Bissexuais.

A territorialidade existente nos espaços urbanos de entretenimento das grandes cidades se faz essencialmente por um olhar androcêntrico, e Salvador não foge esta regra. Existe uma organização socioespacial a partir dos papéis sociais impostos pela heteronormatividade, ou seja, à mulher são dedicados determinados locais e horas de uso da cidade, devido a sua condição de ser mulher, sendo importante destacar que o tipo de mulher pensado para usufruir os espaços urbanos projetados numa perspectiva heterossexual tem haver com uma mulher branca, hétera, magra, cis e cristã, ou seja o funcionamento dos espaços de entretenimento públicos ou privados são pensados pela relação de poder não só econômica, mas também as relações de poder envolvendo gênero, raça e sexualidade, significando assim que é também através dos corpos a construção e definição de espaço e conseqüentemente territórios de pertencimento.

O território existente no centro de Salvador, mais precisamente na Rua Carlos Gomes, é marcado por uma dinâmica cíclica, tem-se em horários e dias da semana comportamentos socioespaciais distintos, nos dias comerciais das 8h às 18h, impera um centro comercial com lojas de tecidos, clínicas médicas nos prédios antigos, restaurantes populares e um grande número de vendedores ambulantes devido à localização estratégica que liga a Praça da Piedade e Campo Grande e Praça Castro Alves, lugares de intensa circulação. Porém com a chegada da noite e principalmente nos finais de semana, a Rua Carlos Gomes, se apresenta como território diverso, para um público completamente diferente, existe a presença de bares e casas noturnas de entretenimento adulto, todos em sua maioria voltados para público heterossexual, representando assim um território essencialmente heterossexual, onde numa proporção média teria cerca de 50 (cinquenta) estabelecimentos privados de entretenimento adulto



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

heteronormativos, para 2 (dois) estabelecimentos³de frequentador@s de sexualidade não-normativas (lésbicas, gays, transexuais, bissexuais, pansexuais). Sendo preciso ainda, realizar um recorte de gênero, dentro destes dois estabelecimentos para público LGBTQIA+, é diminuta as atrações ou entretenimentos específicos para Mulheres Lésbicas, Bissexuais e Transexuais (LBT), além disso, a presença maciça de homens, mesmo estes sendo gays, inibem a frequência das mulheres ao estabelecimento, uma vez que todo o pensamento de funcionamento da casa gira entorno do público masculino, com atrações específicas para público masculino como: gogo boys, estilos musicais, tipos de bebidas entre outros pontos característicos de espaço de entretenimento que deveria ser inclusivo a todos os tipos de públicos incluindo as diferenças de gênero dentro do espectro da diversidade sexual, mostrando como o corpo negro feminino, maioria na cidade, não é pensado nem mesmo em estabelecimentos para público LGBTAQIA+.

O local escolhido para realização da Ocupação SPT (Sapatão) foi o Bar Champanhe popularmente conhecido como Laje de Ray e Lucy, de propriedade de um casal de lésbicas que sempre trabalharam na região da Carlos Gomes em casas de entretenimento como funcionárias, e após alguns anos, decidiram abrir um estabelecimento próprio, constituindo a época o único estabelecimento de propriedade e gerenciamento de duas mulheres negras sapatonas, evidenciando a dificuldade de mulheres se estabelecerem como empresárias comerciais em lugares cercados e dominados por homens CisgeneroHeterosbrancos, que é o caso da maioria dos proprietários dos estabelecimentos da Rua Carlos Gomes. Sendo esse é um dos principais motivos da realização da festa “Ocupação Sapatão” exclusivamente para Mulheres LBT na Rua Carlos Gomes, como modo de tencionar a visibilidade e presença das mulheres LBT neste espaço público, como consumidoras e clientes, bem como criar mesmo que temporariamente um território de acolhimento e pertencimento.

A CONTRANARRATIVA ESPACIAL DA SAPATÃO PRETA

³À época eram somente Ancora do Marujo, Bar Champnge, hoje possuem três, incluindo o espaço cultural Caras Bocas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Quando um grupo de mulheres negras, compostas por lésbicas; bissexuais; com corpos gordos e magros; praticantes de religião de matrizes africanas; sem religião definida; moradoras da periferia de Salvador, todas estas com marcadores sociais de silenciamentos históricos, numa sociedade que se constrói e se move realizando opressões de gênero, de raça, de classe, decidem realizar uma festa chamada “Ocupação Sapatão” exclusiva para outras mulheres como elas, Lésbicas Bissexuais e Transexuais no bar de propriedade de duas mulheres negras sapatonas em um dos diversos centros comerciais de entretenimento heterossexual de Salvador, está declarada uma contra narrativa decolonial ao espaço urbano, está declarada uma luta contra os cerceamentos do direito à cidade a este grupo, que possuem em comum o fato de serem mulheres e negras, sendo assim a presença feliz, ativa e prazerosa dos seus corpos o principal instrumento político de luta para obter o direito à cidade, assim o foi no século XIX na mesma cidade, nas mesmas ruas soteropolitanas, com as mulheres negras ganhadeiras e assim continua sendo no século XXI, com as descendentes destas mulheres que mostram o caminho de visibilidade e existência mesmo diante da opressão socioespacial. As mais de 100(cem) sapatonas pretas que participaram da ocupação, com o desejo de viver momentos de felicidade, prazer e pertencimento entre suas pares, seguiam os passos de descolonizar seus corpos que viam de longe.

Esta felicidade e sensação de pertencimento entre mulheres que se relacionam com mulheres é visto como perigoso para manutenção da sociedade baseada no heteropatriarcado. Monique Wittig cita:

[...]Pois o que faz uma mulher é uma relação social específica com um homem, uma relação que nós anteriormente chamado de servidão, uma relação que implica em obrigações pessoais e físicas, bem como obrigação econômica...uma relação que lésbicas escapam recusando tornar-se ou ficar heterossexual... [nossa sobrevivência] só pode ser realizada pela destruição da heterossexualidade como sistema social que se baseia na opressão das mulheres pelos homens e que produz a doutrina da diferença entre os sexos apenas para justificar a opressão.” (SAUNDERS, 2017 apud WITTIG, 1993)

As mulheres lésbicas negras explodem o domínio masculino na perspectiva racistapatriarcal de limitação à existência da mulher a partir deles, onde está existência é gerida nas mais diversas esferas da vida social, através de instituições sociais importantes como Família, Estado, Religião, e no caso do nosso recorte o espaço



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

público, sendo este uma extensão do privado para o público do controle do corpo da mulher um dos principais sinalizadores de controle masculino.

De modo que coletivamente a Ocupação Sapatão ao reunir em sua maioria Mulheres Negras Sapatonas, participando como Cantoras, Poetisas, Dj's, Mestre de Cerimônias, artistas plásticas, organizadoras, entre outras atividades que surgiam no momento, desafiaram não só a heteronormatividade do espaço público em que ocorreu a festa, uma vez que a presença quantitativa destas mulheres negras sapatonas moveu curiosos e curiosas até o local, com o objetivo de saber o que acontecia, mas desafiou também a masculinidade/privilégios de homens gays brancos e negros gays que quando informados que estava vetada a entrada do gênero masculino, de qualquer espectro da sexualidade, se ressentiam, ou acusavam as organizadoras e participantes de segregacionistas, evidenciando como o pensamento colonial pode transformar aliados políticos em inimigos/atrasalados⁴, nas lutas dos direitos de uso do espaço público para mulheres.

A Ocupação Sapatão em meio às relações de poder envolvendo gênero, raça, sexualidade e espaço conseguiu criar um território de pertencimento LBT seguro, durante a realização da festa, para um grupo socialmente marginalizado dos direitos e acesso à cidade. Pois quando o espaço é visto somente a partir de uma ótica, no caso a heterossexual acaba por desconsiderar toda uma complexidade e multiplicidade identitária que há no espaço vivido, isto é, as territorialidades. Por isso a ocupação representa dissidência a branquitudeheteropatriarcal que tenta construir um imaginário de sociedade planificada, onde tod@s são pertencentes. Os relatos abaixo de algumas mulheres que participaram, evidenciam o sentimento de como a construção da Ocupação Sapatão foi desenvolvida, tendo como principal caminho norteador o cuidado com as outras mulheres que desejavam entreter em segurança com seus pares, aquelas que não são vistas pela branquitude, mulheres excluídas na dimensão cultural/financeira. Dessa forma, a construção pensou na mobilidade, baixo custo, segurança e atrações.

⁴Expressão linguística do dialeto soteropolitano, para pessoas que empatam, atrapalham o sucesso da outra pessoa.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Conforme relatos das sapatonas:

“Existem poucos espaços em que lésbicas se sentem à vontade em Salvador, e quando eles ocorrem, são mediados por lésbicas brancas de classe média. A ocupação vinha com outra proposta, a de reunir lésbicas de espaços centrais e periféricos da cidade, com entrada free ou baixo custo, num lugar acessível pra quem não vai de uber e com muita música boa, de mulheres, o que também não é tão comum pra mulheres negras (lésbicas ou bis). Eu, como lésbica negra, me sentia bem confortável no evento e acho bem importante que ele - e outros que espero que surtirem no futuro - continuem acontecendo, porque é um espaço de reconhecimento, de identificação, de política e de resistência. No momento atual, mais do que nunca, precisamos de encontros como estes”(Crislane Rosa).

“A Ocupação Sapatão, como o nome sugere, é uma retomada de espaço, que não está devidamente ocupado por lésbicas, bissexuais e trans. É interessante por abrir essa pauta, dando visibilidade as pretas sapatonas dentro do calendário do mês de agosto, mês da Visibilidade Lésbica. A festa exclusiva para lésbicas, bissexuais e trans no bar da Rai que originalmente, era frequentado por lésbicas e foi apropriado pelo público gay. Apesar dos casos de misoginia devido a proibição da entrada de homens, por uma noite ocupamos esse espaço, sendo unânime. A ocupação Sapatão tem um caráter itinerante em que se molda ao espaço, ocupamos a festa de Yemanjá no 2 de fevereiro – Rio Vermelho e sempre como norte o acolher, trocar e celebrar a vida das sapas negras na cidade de Salvador” (Annie Ganzala).

As falas demonstram que é possível e preciso reinventar-se fora da lógica Racista HeteronormativaCisBranca. A conceituação de Massey em que o espaço está sempre em um processo de construção, de realização, em processo de finalizações devido a este ser produto de relações (Massey, 2000), é um indicativo de possibilidade da ação coletiva para mudar o *status quo* da opressão. Se as relações humanas são baseadas em interações e vivências é necessário que os grupos minoritariamente políticos, sejam capazes de articular e criar outros espaços de existência dentro de uma prática hegemônica. Por isso, à ocasião da ocupação SPT representa o enfrentamento da



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

heteronormantidade/lesbofobia institucional que nega o caráter diverso do espaço público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Direito à cidade remete ao ideário que tod@s os corpos estão inclusos na sua estrutura, entretanto a realidade objetiva mostra as contradições presentes. Pois o que é posto as Sapatonas, Bissexuais e Trans é o não- lugar. Os corpos dissidentes muitas vezes se sentem sem pertencer na perspectiva material e imaginária, pois a cidade não permite a construção desse imaginário. A cidade de Salvador não é familiar para aquelas que não estão dentro dos estereótipos ocidentais e assim são desconvidadas a experimentar a cidade nas diversas dimensões sociais. Para Tuan (1983, p.83) “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Portanto, as mulheres que não estão na “caixa dos padrões” do racismo, material e subjetivo, são despojadas da construção de um pertencer. A Ocupação LBT à época da sua construção buscou pautar todas as variáveis que poderiam se tornar um entrave para a presença das mulheres, então as datas, horário de início e fim, o baixo custo, as atrações foram pensadas para que todas pudessem comparecer e experimentar, já que a ocupação é uma contranarrativa decolonial, onde mulheres dissidentes são protagonistas na construção de espaços de luta.

Nessa senda, a Ocupação Sapatão é uma atividade cultural que dá continuidade ao histórico social da luta identitária das mulheres negras, que no decurso dos séculos reivindicam o direito à cidade ao territorializar o espaço urbano de Salvador. Portanto quando as mulheres negras realizam atividades das mais diversas na atualidade é uma convergência assentada na ancestralidade decolonial que reinventa uma realidade socioespacial contrastante a lógica moderno/colonial. Desse modo a ocupação foi forjada para contribuir na formação em que todas as envolvidas puderam e podem se entreolhar e se perceber enquanto corpos plurais, mas que na essência há familiaridade identitária entre si.

REFERÊNCIAS:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

BERNARDINO-COSTA, Joaze GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

Carlos, Ana Fani Alessandri, *A crise urbana*, Contexto, São Paulo, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, *A crise urbana*, Contexto, São Paulo, 2015.

FERREIRA, Eduarda; MOREIRA, Luciana, LENZI, Maria Helena. Espacialidades Lésbicas: Localizando Visibilidades e Construindo Geografias Dissidentes. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*, v. 9, n. 2, p. 26, 2018. ISSN 21772886.

IBGE. Banco de Dados Agregados -SIDRA. Disponível em: <http://sidra.ibge.gov.br/tabela/136#resultado> em 15 AGO. 2019

IBGE. Banco de Dados Agregados -SIDRA. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado> em 15 AGO. 2019

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000. p. 176 – 185.

SAUNDERS, T. L. Epistemologia negra sapatão com o vetor de uma práxis humana libertária. *Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades*. Periódicus, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out. 2017 – Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA ISSN: 2358-0844 – Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>.

SOARES, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. *Afro-Ásia* (17), Salvador, CEAO-UFBA, pág.65, 1996.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p 77-116.

TUAN, Y. -F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. _____ . Place: na Experiential Perspective. *Geographical Review*, 65, pág. 151-165, 1975.